

ABY WARBURG, CAÇADOR DE METAMORFOSES

Carlinda Fragale Pate Nuñez (UERJ)
nunez@unisys.com.br

Em 1918, Aby Warburg identificou numa borboleta uma nova figuração da ninfa de Boticelli que ele vinha estudando havia já alguns anos. Para fundamentar suas excêntricas aproximações entre ritos e imagens altamente elaboradas da arte renascentista, dados etnográficos e procedimentos estéticos, pensamento científico e xamanismo, Warburg montou uma biblioteca e um atlas inusitados, enigmáticos, aturdidores. Deste curioso repertório saem conceitos hoje considerados imprescindíveis, tais como “sobrevivência dos antigos”, “lugares e itinerários de memória”, “elemento estranho”, “Pathosformel” e outros, todos eles, conectores de sentidos através dos quais sistemas culturais distantes se comunicam. Literariamente, o método warburgiano pode ser confirmado através dos epítetos homéricos, assim como da narrativa muda que explode na tela de Max Ernst, 33 Mochilas caçam uma borboleta branca.